

Universidade de São Paulo
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Mestrado em Ciência Política

Maria Leticia Juliano Diniz Brito

ESTUDO DE CASO DESVIANTE: O VOTO EM UMA REGIÃO PERIFÉRICA DA
CIDADE DE TAUBATÉ-SP

Trabalho preparado para apresentação no
IV Seminário Discente da Pós-graduação em
Ciência Política da USP, de 07 a 11 de abril de
2014.

São Paulo

2014

Resumo

A interpretação de como vota o eleitor não é uma tarefa simples, já que envolve uma grande quantidade de fatores que, muitas vezes, estão inter-relacionados e que ainda podem ter pesos diferentes sobre o voto, dependendo do contexto a que pertence. Sob tal perspectiva, o presente trabalho, que se trata de um estudo de caso desviante, apresenta os primeiros resultados do trabalho de campo e das entrevistas que vêm sendo realizados na região periférica do Cecap na cidade de Taubaté-SP, cujo intuito é entender como estes moradores decidem e estruturam o seu voto.

Introdução

A representação e a formação da autoridade política nas democracias liberais dependem diretamente do processo eleitoral, e este, por sua vez, depende do comportamento eleitoral (FIGUEIREDO: 1991; FREIRE: 2001). Como se sabe, em época de eleições, o indivíduo tem diante de si várias escolhas a serem feitas, a começar pela decisão de comparecer ou não às urnas – mesmo em casos em que o voto é obrigatório, como no Brasil – e, em se decidindo pelo comparecimento, sua segunda decisão consiste na escolha dos candidatos e/ou partidos de sua preferência. Obviamente, tais decisões têm um impacto direto, seja na formação dos governos, seja na legitimação do próprio regime democrático. Então, em razão dessa centralidade no funcionamento das instituições representativas, desenvolveu-se na Ciência Política uma importante linha de pesquisas teóricas e empíricas dedicadas à busca de explicações para o comportamento eleitoral.

O foco principal das investigações são as seguintes questões: como e por que um eleitor decide comparecer na sua seção eleitoral para votar? Como e por que o eleitor escolhe determinado partido ou candidato? Quais são as variáveis que mais influenciam o eleitor no momento dessas escolhas?

Na tentativa de responder tais indagações, os pesquisadores se dedicaram ao levantamento das possíveis motivações, das mais variadas fontes, que levariam os eleitores à participação no processo eleitoral, depositando seu voto em candidatos e partidos (Figueiredo: 1991). Contudo, não houve consenso em torno deste debate, o que acabou por consolidar três diferentes correntes teóricas sobre o comportamento

eleitoral: (1) a teoria sociológica, (2) a teoria psicossociológica e (3) a teoria da escolha racional¹ (FIGUEIREDO: 1991, FREIRE: 2001).

A grande controvérsia entre essas escolas é a determinação do conjunto de variáveis que funcionariam como as principais motivações do eleitor no momento do voto. Como afirma José A. Guilhon Albuquerque:

A construção de uma tipologia do eleitorado tem por objeto definir tipos de comportamento eleitoral. Ela consiste na definição de um conjunto de variáveis capazes de identificar tipos diferentes de eleitores com comportamentos eleitorais distintos, de modo que, com base nessa tipologia, seja possível prever o voto futuro desses grupos. (ALBUQUERQUE, 1992:53)

Entre essas variáveis, o posicionamento de classe do eleitor vem sendo discutido por muitos autores, com o intuito de se entender como o voto pode estar associado às condições socioeconômicas dos eleitores. Esses trabalhos se fundamentam principalmente na interpretação sociológica do voto, uma vez que pretende-se afirmar que o voto deste segmento é coeso com o grupo e com os seus interesses, não sendo somente dependentes das motivações individuais.

Sob tal perspectiva, o foco deste projeto é pensar, a partir da teoria sociológica, o comportamento eleitoral das classes econômicas, mais especificamente de indivíduos moradores de uma região periférica na cidade de Taubaté - SP.

A escrita que se segue é uma primeira tentativa de se pensar o estudo em questão e, portanto, o que se pretende é principalmente delinear o objeto desta pesquisa e os seus resultados iniciais. Para tanto, primeiramente iremos abordar um pouco sobre a escolha do local e como o caso foi selecionado. Já em um segundo momento, será mostrado quais técnicas metodológicas utilizadas, e, como isso vem sendo feito, e, finalmente traçaremos os primeiros resultados de campo.

Taubaté – SP e a região periférica do Cecap

¹ A maioria dos estudos sobre o comportamento eleitoral aponta a existência dessas três correntes teóricas, porém, há algumas divergências quanto a essa divisão; é o caso de Figueiredo (1991), que propõe uma quarta linha de investigação: a demográfico-descritiva.

O futuro estudo propõe-se a pensar o comportamento eleitoral e as variáveis utilizadas no momento do voto em uma região periférica de uma cidade de médio porte do interior do estado de São Paulo. A cidade escolhida por este projeto foi Taubaté-SP² e a região do Cecap.

Apesar do seu aspecto industrial, Taubaté é tida como uma cidade “conservadora e provinciana”, o que se reflete não só nas suas relações sociais, mas também na política. Segundo o historiador da Universidade de Taubaté, Fábio Ricci³, esta característica deve-se ao modo que se estruturou a formação do município.

Diferentemente de outros locais, como o Oeste paulista, com o fim do regime escravocrata, Taubaté, que ainda se dedicava a produção de café, resistiu à entrada de imigrantes para trabalharem em suas lavouras. Por isso, posteriormente, a mão-de-obra para as atividades industriais tiveram que ser absorvidas das cidades rurais próximas, como São Luiz do Paraitinga, Lagoinha, Redenção da Serra, Caçapava e Tremembé.

Sendo assim, segundo Ricci, Taubaté, ao contrário de outras cidades que no momento de sua industrialização tiveram focos de migrações de todas as partes do país, recebeu imigrantes de locais vizinhos que tinham as características culturais semelhantes as suas, o que acarretou o desenvolvimento de uma “modernização conservadora”. Silvio Costa (2005) ressalta ainda que o processo de industrialização na cidade pode ser considerado lento em relação aos outros locais do país, isso porque a industrialização impulsionada pelo fim da era cafeeira não provocou um impacto no mundo rural em direção ao urbano-industrial. Na realidade, foi ao contrário, o aspecto rural, os seus costumes e os modos de vida foram incorporados a cidade.

Ricci afirma que com este tipo modernização houve uma continuidade do poder de certos grupos na política devido a força econômica desempenhada por eles ou por quem os apoiava. Desta feita, é possível verificar que na cidade de Taubaté não houve grandes rupturas do ponto de vista político-administrativo. Neste diapasão podemos

² Taubaté está localizada no Vale do Paraíba, as margens da Rodovia Presidente Dutra, a 120 Km da cidade de São Paulo e 240 Km do Rio de Janeiro. De acordo com os dados de 2010 do Censo demográfico, o número de habitantes chega a 278 686, sendo o 23º município mais populoso do estado de São Paulo segundo a estimativa de Julho de 2011 do IBGE. Em relação a sua economia, as indústrias têm grande importância na cidade, apresentando na sua lista empresas e multinacionais como: LG Electronics, Alston, Ford do Brasil S.A, Daruma Telecomunicações do Brasil, Volkswagen do Brasil e Corozita.

³ Entrevista concedida no dia 2 de fevereiro de 2012.

citar dois exemplos marcantes: a família Guisard que conquistou o comando da cidade por 5 mandatos⁴ e José Bernardo Ortiz⁵ que se manteve no poder junto com os seus sucessores de 1982 até 2004, retornando com o seu filho Ortiz Junior na última eleição.

Esta dinâmica não fica restrita as eleições para o executivo municipal, ao analisarmos a votação das últimas eleições para presidente na cidade de Taubaté percebe-se também uma manutenção comportamental, onde os candidatos do PSDB obtiveram preferência do eleitorado, com exceção da eleição de 2002 quando Lula (PT) obteve a maioria dos votos.⁶

Em relação à escolha pela região do Cecap, primeiramente, deu-se devido a sua caracterização como um lugar periférico e pobre. Atualmente, a periferia tornou-se uma questão largamente suscitada por reportagens, artigos e pesquisas, porém, muitas vezes vem cercada por estigmas.

Comumente, quando se trata do assunto, logo há uma associação com o lugar onde os pobres moram, cheio de problemas como violência, drogas e falta de serviços essenciais. Contudo, deve-se ter em vista que o local está para além disso, decerto que, eleitoralmente, pressupõe um poder político muito grande, por representarem uma ampla parcela do conjunto dos votos.

Neste sentido, este estudo tem por objetivo contribuir para pensarmos mais profundamente sobre como são construídas as opiniões e decisões políticas dos habitantes dessa região. Quem são estas pessoas? Como elas decidem em quem votar?

⁴ Félix Guisard foi prefeito da cidade entre os anos de 1926 e 1930. O seu irmão, Jaurés Guisard, manteve este posto durante um pouco mais de um mês no ano de 1947 e depois nos mandatos de 1956 a 1959 e de 1964 a 1959. Já entre os anos de 1952 e 1955, Felix Guisard Filho esteve a frente do executivo municipal.

⁵ José Bernardo Ortiz teve o cargo de prefeito na cidade em três gestões: de 1983 a 1988, de 1993 a 1996 e de 2001 a 2004. Salvador Khuriyeh (1989-1992), Antonio Mario Ortiz (1997-2000), Roberto Peixoto (2005- 2008) e Ortiz Junior (a partir de 2013) foram eleitos com o apoio de Bernardo Ortiz.

⁶ De acordo com os dados disponíveis no site do TSE, em 1994 Fernando Henrique (PSDB) obteve 49,035% e Lula (PT) 27,669%. Na eleição seguinte FHC (PSDB) torna a ter a maioria dos votos, com 58,026% e o candidato do PT, Lula, teve 32,337%. Já em 2002, houve uma exceção e Lula (PT) alcança 54,356% dos votos e José Serra 24,021%. Em 2006, o PSDB volta a ter a maior votação, Geraldo Alckmin conseguiu 57,46%, enquanto Lula (PT) ficou com 33,40%. Na eleição de 2010, a candidata Dilma (PT) chegou a marca de 27,98% e José Serra obteve 43,31%.

Que elementos são importantes no momento da sua escolha? Para compreender e entender estas questões é preciso dar voz aos que vivem lá.

A região do Cecap está localizado em uma região afastada da área central da cidade, sendo que o tempo de trajeto entre estes dois lugares, de carro, é de cerca de 25 minutos, com uma distância aproximada de 15 km. O Cecap é formado por quatro bairros, todos levam o mesmo nome, o que os distingue são os números no final do nome. Assim há o Cecap I, Cecap II, Cecap III e o Cecap IV.

A cronologia de estabelecimento e o nível de renda dos moradores de cada bairro parece seguir a ordem numérica de cada bairro, visto que os habitantes que primeiro chegaram à região foram os do Cecap I, seguidos pelos do Cecap II e Cecap III e por fim pelos do Cecap IV.

O projeto de moradias na região teve o seu início na década de 70, quando foi implementado pela Caixa Econômica Federal o CECAP (Companhia Estadual de Casas Populares). Com este primeiro projeto, foram erguidas 571 casas, formando o então, Residencial Parque Monteiro Lobato, hoje bem mais conhecido como Cecap I. (ADIB, 2001; BUENO, 2006; MARCONDES, 2003; MELO, 1998)

Décadas mais tarde, em 1994, por meio da parceria entre prefeitura e CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo), um segundo bairro foi construído com o intuito de sanar o déficit habitacional na cidade. No Residencial Guido Miné ou Cecap II foram entregues 500 casas à famílias que tivessem baixa renda comprovada. (ADIB, 2001; BUENO, 2006; MARCONDES, 2003; MELO, 1998)

Hoje, apesar do Cecap II não ter a mesma antiguidade do Cecap I, estes dois bairros são onde se encontram as moradias com as melhores infraestruturas. Muitas das casas, principalmente do primeiro Cecap, não estão mais padronizadas e já sofreram muitas modificações e reformas, apesar de ainda ser possível encontrar residências que mantêm a mesma estrutura inicial.

Já os outros dois bairros são constituídos por prédios populares produzidos também pela prefeitura de Taubaté e pela CDHU, onde, de acordo com o site da Secretaria de Habitação do governo do estado de São Paulo, foram atendidas famílias

que tinham renda de 1 a 10 salários mínimos. O Cecap III, que foi implementado em 1998, é constituído de 1024 apartamentos, divididos em 64 blocos, sendo que cada um tem 16 apartamentos. (ADIB, 2001; BUENO, 2006; MARCONDES, 2003; MELO, 1998)

Mas por que estudar especificamente este bairro periférico da cidade de Taubaté seria relevante?

Este bairro apresenta certa singularidade em relação ao modo que se posicionou na última eleição presidencial. Com base no resultado da votação de 2010 obtida em três locais de votação próximos ao Cecap⁷, foi possível perceber que o candidato José Serra (PSDB) foi quem mais angariou votos na região com cerca de 36% dos votos, a candidata Dilma (PT) ficou em segundo lugar (30%), seguida por Marina Silva (PV), que obteve 26%.

Tabela 1

Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados de 2010 em três locais de votação próximos ao Cecap em Taubaté-SP.

	Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Marina (PV)	Comparecimento
E.E Miguel Pistilli	1050	1237	897	3462
Marta Miranda Del Rey	182	209	154	599
Guido José Miné	123	149	108	416
TOTAL	1355	1595	1159	4477
	30%	36%	26%	

Lulismo e Subproletariado

Em um recente estudo, intitulado *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*, feito por André Singer (2012) propõe que a partir de 2006 teria havido um realinhamento eleitoral, no qual a classe de baixíssima renda que nunca tinha votado em Lula passa a se aproximar dele, tornando-se o seu principal suporte eleitoral. Por outro turno a classe média tradicional teria deixado de depositar seu voto neste

⁷ O levantamento foi feito com base no resultado das votações por seção. Os dados foram disponibilizados pelo Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté - SP.

candidato, passando a preferir o candidato à presidência da oposição, por conta dos escândalos de corrupção que eclodiram em seu primeiro mandato.

Mas, como destacado por Singer (2009) e Gustavo Venturi, a partir de dados de 2006 da Perseu Abramo, o eleitorado de menor escolaridade⁸ tende a votar ideologicamente à direita. Em 2006, 44% das pessoas que tinham frequentado até a quarta série do ensino fundamental tinham preferência pela direita, enquanto a adesão pela esquerda era de apenas 16%. Diante desses números, como explicar que um candidato de esquerda teve tanta adesão da camada de baixa renda, onde muitos se identificam com a direita?

Na obra *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro*, Singer (2002) afirma que o eleitorado brasileiro, de modo geral, deseja mudanças igualitárias independentemente do seu posicionamento ideológico. “Aqui, não é a igualdade em si, porém o modo de atingir a igualdade que divide o eleitorado entre esquerda e direita.” (Singer, 2002:20). Enquanto a direita está associada a mudanças feitas mediante o reforço da autoridade do Estado, sem que haja rompimento com a ordem, a esquerda, por sua vez, está relacionada à contestação da autoridade repressiva do Estado, empreendida pelos movimentos sociais que visam à igualdade. Em última instância, a distinção feita pelos eleitores está na autoridade dada ao Estado na construção de medidas igualitárias.

Desta forma, a explicação para este deslocamento do eleitorado em 2006 está no fenômeno do Lulismo, que foi a execução de um projeto político de redistribuição de renda voltado para o setor mais pobre e combate à desigualdade *sem que houvesse rompimento com a ordem estabelecida*. Sendo assim, este projeto permitiu que emergisse uma nova configuração ideológica, em que Lula passa representar uma nova opção que mistura elementos tanto de esquerda quanto de direita. Como afirma Singer:

(...) em 2006 pode significar que *entrou em cena uma força nova*, constituída por Lula a frente de uma fração de classe antes caudatária dos partidos da ordem e que, mais do que um efeito geral de desideologização e despolitização,

⁸ O fator escolaridade pode ser pensado de forma associada ao fator renda.

indicava a emergência de *outra* orientação ideológica, que antes não estava posta no tabuleiro. Parece-nos que o lulismo, ao executar o programa de *combate a desigualdade dentro da ordem*, confeccionou nova via ideológica, com a união de bandeiras que não pareciam combinar. (SINGER, 2009:96)

Neste sentido, partindo do diálogo com a teoria do lulismo desenvolvida por Singer, o caso de Taubaté foi escolhido por exemplificar um estudo desviante do padrão, ou seja, por ser um bairro considerado de baixa renda era esperado que a candidata do PT tivesse a maioria dos votos e, em contrapartida, o PSDB não fosse o vitorioso devido ao realinhamento ocorrido em 2006.

Como este padrão não foi o verificado, pode-se admitir que o caso de Taubaté demonstra uma anomalia no que diz respeito a relação causal imbricada na teoria singeriana, sendo de certa forma pouco explorada.

O intuito desta análise, portanto, é buscar novas explicações para este fenômeno e com isso espera-se que a descoberta dos processos causais existentes neste caso possam elucidar outros casos que estejam relacionados a este. Sendo assim, apesar da pesquisa abordar um único caso, tem-se em vista proposições mais gerais - que extrapolem as questões contextuais e particulares - que sirvam de respostas, na medida do possível, a outros casos desviantes.

Metodologia

Como se viu, a pesquisa procura responder às seguintes questões:

- 1 - **Por que** o PSDB ganha na região periférica do Cecap na cidade de Taubaté?
- 2- **Por que** encontramos apenas indícios do Lulismo neste bairro?
- 3- **Como** estes eleitores decidem os seus votos?

De acordo com Robert Yin (2009) a escolha de uma técnica de pesquisa depende de três elementos: quando (1) as indagações são do tipo “como?” e “por quê?”, com (2) temas em que o nível de controle é baixo e com (3) um enfoque em algum fenômeno contemporâneo, o uso do estudo de caso é a metodologia mais apropriada.

Com base na abordagem e no problema proposto, assim como no quadro teórico que serviu como ponto de partida para esta investigação, optou-se pela realização de um estudo de caso.

Há diversas definições do que seria estudo de caso (ver Yin (2009), BENNETT (2004), VAN WYNSBERGHE & KHAN, (2007) e GERRING (2004)), mas para o propósito desta pesquisa, compreendemos que este tipo de estudo deve ser entendido como uma metodologia que faz análise de um único caso, com o intuito de produzir explicações (causais) e interpretações densas de um fenômeno. Este tipo de abordagem, apesar de se centrar na compreensão de casos específicos, vai além de uma simples observação singular, uma vez que tem como propósito fazer conexões profundas com teorias e métodos para produção do conhecimento.

Sob exatamente esta perspectiva que repousa o nosso desenho de pesquisa. O intuito do trabalho, em última instância, é a compreensão de quais são as causas (variáveis independentes) que estão atuando para que o PSDB tenha sido vitorioso nas eleições presidenciais neste bairro de classe baixa (variável dependente) e como ocorre este processo. Neste sentido, busca-se compreender não somente as causas e os efeitos, mas também como se dá esta interação e quais são os mecanismos que estão operando entre estas duas partes.

Cabe salientar que, como estamos trabalhando com um único caso, é possível examinar a operação dos mecanismos causais com uma maior precisão e assim identificar as variáveis que podem estar atuando como forças “contrárias” para que o PT não ganhe no bairro.

Os mecanismos causais são entendidos, aqui, como peças de um sistema que a partir da sua combinação produzem um efeito, pode-se dizer que seria a caixa preta do processo causal. De acordo com Derek Beach e Rasmus Pedersen:

“The focus in mechanistic understandings of causality is the dynamic, interactive influence of causes on outcomes and in particular how causal forces are transmitted through the series of interlocking parts of a causal mechanism to contribute to producing an outcome” (BEACH e PEDERSEN, 2012: 25)

Dito isso, a presente pesquisa irá se deter principalmente na busca dos fatores que estão agindo para que o resultado, que era esperado que acontecesse de acordo com a teoria do Lulismo, não se materialize nas urnas eleitorais.

Ressalva-se, como assinala Charles Ragin (1987), que um estudo de caso não deve focar apenas nas relações causais, mas também deve se voltar para a compreensão das configurações de características e condições que produzem o fenômeno estudado. Deste modo, com o intuito de examinar além dos fatores que estão por trás dos votos dos eleitores do bairro Cecap, mas também o contexto e a dinâmica socioeconômica do bairro, este trabalho parte tanto de um nível macro de análise, quanto de um nível micro. Como propõem Beach e Pedersen: “Mechanism may occur or operate at different levels of analysis, and we should not see one level as more fundamental than another.” (BEACH e PEDERSEN, 2012: 41). E continuam:

“The choice of level for our theorization of causal mechanisms depends on the pragmatic concern of the level at which the empirical manifestations of a given causal mechanism are best studied.” (BEACH e PEDERSEN, 2012: 43)

Uma vez que o foco deste trabalho é compreender o comportamento dos eleitores, o que envolve uma grande quantidade de fatores que muitas vezes estão inter-relacionados e que ainda podem ter pesos diferentes sobre o voto, dependendo do contexto a que pertence, a opção por uma abordagem que privilegie as duas dimensões de análise se faz compreensível. Além disso, a pesquisa se fundamenta principalmente na interpretação sociológica do voto e de acordo com a perspectiva teórica e metodológica desta escola, somente é possível compreender o comportamento político de um indivíduo se tivermos em vista o grupo ao qual ele pertence, porque suas

preferências, ações e decisões são delineadas nas e pelas interações sociais que ocorrem nesse contexto.

Contudo, é preciso salientar que a natureza dessas relações sociais não pode ser apreciada isoladamente, dado que sua forma é reflexo das condições sociais e econômicas da sociedade. Em razão disso, é preciso identificar a situação socioeconômica, cultural e de classe de uma determinada época.

Dessa maneira, segundo o modelo sociológico, o modo como os eleitores votam e como são tomadas as decisões sobre em quem e que partido votar dependerá do seu posicionamento no sistema de clivagens, assim como de seu processo de socialização e de mobilização política. Por isso, segundo Marcus Figueiredo (1991, p. 43), para “compreender o voto de um jovem ou de um idoso é necessário conhecer seu contexto social e político: onde esses eleitores vivem e como vivem nesse contexto”. O ato de um indivíduo não pode ser analisado por si só, de forma autônoma e isolada, pois sua ação está em conformidade com o contexto social no qual esse ator político está inserido, e daí a necessidade de uma perspectiva (Macro-micro) que englobe diversos aspectos ou variáveis do ambiente social.

Com a finalidade de entender tanto as causas, quanto a atuação dos mecanismos causais, neste estudo de caso, estão sendo feitas entrevistas abertas e semi-estruturadas, de forma individual, com pessoas moradoras do bairro Cecap, em Taubaté- SP, e que também votem nesta mesma cidade. Todas as respostas são registradas, mediante anotações e uso de gravador, para uma posterior transcrição. O trabalho também parte da observação participante no bairro Cecap, com o intuito de mapear os lugares de lazer, infra-estrutura disponível e as formas de convivência para que seja possível compreender de forma mais profunda a problematização e as percepções de mundo que estão presentes nas entrevistas.

Por outro lado, o trabalho também pesquisará, em um segundo momento, uma abordagem mais macro que tente compreender os fatores políticos e históricos da cidade que possam de alguma forma atuar sobre os moradores deste bairro.

A trajetória do Trabalho de Campo

A entrada em um novo mundo de pesquisa não é uma tarefa das mais simples. Apesar de já conhecer a região do Cecap e ter frequentado alguns de seus espaços em certas ocasiões, o conhecimento que tinha do local era restrito a de um estrangeiro que reconhece apenas superficialmente e sem qualquer afincos os principais pontos do território. A estratégia utilizada para viabilizar a pesquisa foi entrar, inicialmente, em contato com moradores do Cecap que eu conhecesse e que pudessem me auxiliar nos meus primeiros passos.

No dia nove de setembro de 2013 realizei as minhas primeiras entrevistas. As irmãs Juliana e Selma⁹ foram bem abertas e acolhedoras e se dispuseram a abrir a porta de sua casa para me expor um pouco sobre as suas vidas no bairro que moram desde a infância. Além das valiosas informações, que ajudaram e que continuam a orientar as minhas investigações, elas me proporcionaram uma possível rede de outros informantes na região. Assim iniciava-se um leque de questões, das quais muitas ainda não foram fechadas.

Depois deste primeiro contato, iniciei as minhas caminhadas pelos bairros do Cecap. Apesar de já ter realizado as duas entrevistas anteriores no Cecap, ainda não tinha me adentrado de fato na região. No dia 25 de setembro tinha uma outra entrevista marcada em um dos apartamentos dos prédios do CDHU e naquele momento aconteceu uma das minhas observações iniciais: o bairro que até então achava que conhecia foi logo tomado por uma nova visão, a do estranhamento. Havia anos que não entrava naqueles prédios (quando o fiz ainda era criança). Oportunidade em que tive a impressão que aquele lugar tinha sido esquecido no tempo, o aspecto de pintura antiga e maus cuidados saltavam aos olhos.

Estava fora da minha zona de conforto e a apreensão tomava conta de mim, nada fazia parte do meu cotidiano e por mais que tentasse me desvencilhar, estava absorvida por uma visão alienígena. O meu senso parecia trazer à tona, a cada passo que dava, que estava em um local cercado de homogeneidade e violência e que a qualquer momento poderia sofrer algum dano.

⁹ Para manter a privacidade e para que os entrevistados se sentissem mais à vontade para contar detalhes de sua vida, me comprometi a manter a confidencialidade de suas identidades, por isso os nomes próprios citados aqui são fictícios.

A maioria das vezes que circulei pelos bairros fui acompanhada do meu irmão mais velho Matheus, e o fiz durante o período diurno ou vespertino, exceto na minha primeira entrevista. Meu desconforto foi robustecido depois de algumas conversas com os moradores, eles me aconselharam a não andar, principalmente sozinha, à noite pela região devido a segurança e isso venho seguindo desde então, apesar de ainda pretender fazer algumas caminhadas noturnas, por acreditar que neste período muitos elementos que não se revelam a luz do dia possam ser desvendados. Como destaca Gabriel Feltran: “A aura da violência e o medo de circular pelo bairro, sobretudo é um fenômeno prioritariamente noturno, cresce muito depois que o sol se põe.” (FELTRAN, 2011:41) e para um pesquisador de fora esta questão é um dos grandes desafios a ser enfrentado.

O medo presente em algumas caminhadas foi sendo diluído aos poucos com o passar do tempo e com a familiarização do local. Certa vez, conduzida pela minha curiosidade fui me embrenhar por entre umas árvores que tem ao lado dos prédios do CDHU e antes de tentar entrar em contato, logo já entendi que não era bem-vinda. Lá havia cerca de 6 jovens sentados em bancos improvisados e quando notaram a minha presença começaram a se movimentar e eu sai rapidamente do local.

O receio de andar por certos espaços ainda persiste, visto que o tempo de incursão ao campo ainda é pequeno, mas agora o lugar já não é um território totalmente alheio e estranho a mim. A visão forasteira já não faz parte dos meus empreendimentos, os rostos, os lugares, as cores e os cheiros já viraram conhecidos e não trazem mais a sensação de receio, pelo contrário, suscita-me familiaridade.

Os momentos de observações e conversas com moradores que eu encontrava na rua trouxeram grandes subsídios, e por isso a pesquisa passou a se dedicar com mais afinco a realizar este tipo de procedimento. Geralmente eu chegava ao local de carro e o estacionava em um bairro bem próximo e seguia a pé a trajetória por entre os quatro bairros do Cecap. Ao longo do meu percurso encontrava algumas pessoas que já tinham se tornado conhecidas e outras que abordava aleatoriamente com o intuito de conseguir novas informações. As conversas geralmente tinham um tom mais de bate-papo e tentavam ser o menos formal possível, mas sempre buscando trazer para a discussão temas que fossem do interesse da pesquisa.

A grande maioria das pessoas com quem conversei ao longo destes meses de campo foi bem receptiva e se mostrava interessada em ajudar com algum tipo de informação. Quando eu me aproximava, o meu primeiro ato era me apresentar e explicar rapidamente o que estava fazendo por ali e logo já fluía o diálogo. Para a minha surpresa, muito mais de uma vez, no final, quando estava para me despedir, eles me passavam o seus endereços ou apontavam a sua residência e convidavam para ir tomar um café outro dia e ainda se dispunham a auxiliar com que pudessem. Por raras exceções, as pessoas foram sempre muito prestativas.

Além disso, durante a incursão a campo procurava observar a dinâmica das pessoas e as infraestruturas disponíveis, assim como os bairros estavam configurados. Tentei intercambiar o máximo possível os dias de semana das minhas idas aos bairros e observei que durante os finais de semana o bairro ganha um aspecto totalmente diferente.

As ruas ficam cheias de crianças e adolescentes e os moradores estão sempre sentados nas praças ou em frente de casa conversando e observando o movimento. No sábado, na parte da manhã, é realizado sempre uma feira de frutas e verduras, muitos dos moradores passam por lá para comer um pastel ou para abastecer as suas casas. O lazer destes moradores muitas vezes fica restrito ao espaço físico do bairro. Quando questionei Rogério, um dos meus entrevistados, sobre as formas de lazer, ele se conteve um pouco, parou e pensou, de maneira a não saber o que responder. Então tive que auxiliá-lo e continuei: “Você vai ao cinema? Shopping? Quando quer se divertir, o que faz?” E ele soltou:

“Isso não tem muito...porque nesta parte do bairro não tem nada de lazer. Tem que procurar em outras partes, mas a gente não tem muito tempo, por causa do trabalho, só vou quando dá. Raramente vou ao cinema... Muito raramente. Aí a gente fica por aqui mesmo.” (Rogério, 37 anos)

Já durante a semana, o bairro fica bem mais esvaziado, o momento de maior movimento se dá durante a saída dos alunos das escolas, quando as ruas ficam cheias de jovens andando em grupos para voltar para seus lares. Grande parte das pessoas que entrevistei trabalham fora da região e só retornam para suas moradias no final do dia, quando o expediente termina. A região, apesar de abrigar muita gente, não oferece

muitos empregos de acordo com os próprios moradores, e como não há opções de serviço por perto, eles precisam se deslocar para outras regiões.

“Olha, todo mundo que mora aqui trabalha em lugares mais longe, porque aqui mesmo não têm opções e quando chega supermercado, por exemplo, eles procuram para fora também, quase não vejo gente do bairro trabalhando no bairro. Então, dentro aqui do bairro, quando tem emprego, trabalha gente de fora e gente daqui procura fora, porque não tem opção” (Selma, 23 anos).

Com a finalidade de conhecer melhor o local da minha pesquisa, também busquei conhecer algumas instituições e comércios que ali haviam. Conheci algumas escolas, conversei com um diretor, entrei em igrejas, mas infelizmente não consegui falar nem com o padre e nem com o pastor, o que ainda pretendo fazer. Fui em associações, como um brechó beneficente e ainda falei com comerciantes do local. Também procurei entrar em contato com a associação de bairro, contudo, ela não está mais funcionando e ninguém soube me explicar direito o motivo.

Desvendando a região

Os quatro bairros do Cecap, apesar de estarem quase que interligados, separados muitas vezes apenas por uma rua, têm aspectos bem diversos uns dos outros, sendo possível os diferenciar somente pelo olhar. A principal distinção, que já fora apontada, é que os bairros mais antigos são formados por casas, enquanto os mais novos são compostos pelos prédios da CDHU. As moradias dos bairros que se formaram antes são bem melhores estruturadas dos que os que foram construídas depois. Malgrado estarmos fazendo uma comparação entre casas e prédios padronizados, é possível ver uma discrepância na qualidade e na manutenção dos imóveis, enquanto encontramos no Cecap I e II algumas casas grandes e com aparência mais sofisticada, no Cecap III e IV os prédios já estão bem desgastados e sem pintura.¹⁰

Assim como as moradias, as infraestruturas, o acesso a bens de consumo e os comércios também acompanham este raciocínio. Por exemplo, os pontos de lazer que estão mais próximos dos Cecaps III e IV estão bem deprecados e sem qualquer manutenção. O chão das quadras são rachados e com gramas por entre os vãos, se não

¹⁰ Ver imagens no anexo.

fosse pelas barras que formam os gol, não haveria nenhuma sinalização de que ali seria um campinho de futebol. Esta era exatamente umas das reclamações mais frequentes dos moradores, os quais afirmaram não haver nenhuma alternativa de lazer nas redondezas, principalmente para as crianças.

Já mais próximo aos outros dois bairros pode-se observar uma melhora nesta situação. Há uma quadra coberta e um outro campinho de grama, que estão bem cuidados e onde acontecem alguns campeonatos, principalmente durante os finais de semana.¹¹ Da mesma forma, mesmo com um comércio incipiente na região, os principais pontos estão localizados em uma avenida próxima ao Cecap I, lá pode-se encontrar uma loja de sapatos, outras de roupas, casa lotérica e um supermercado, já nos outros Cecaps as lojas são menores, em sua maioria “barzinhos”, mercearias, quitandas e açougues.

Esta diferenciação não fica restrita às questões físicas, os próprios moradores dos bairros sentem e a exaltam. De forma similar ao que foi verificado na pesquisa realizada pela antropóloga Teresa Caldeira (2000), existe uma barreira simbólica que separa os indivíduos de acordo com o seu local de moradia (prédio ou casa) concedendo uma certa posição social. Assim, apesar de compartilharem a mesma região, para eles, o que foi revelado em várias falas, quem vive no Cecap III, por exemplo, não tem a mesma posição da pessoa que reside no Cecap I.

“O Cecap era um bairro muito tranquilo, muito gostoso de morar, mas foi crescendo com o CDHU... Antes era Cecap I, II, III e até aí era até mais tranquilo, aí chegou o Cecap IV também, tudo muito próximo, tudo com predinho e tal. Veio gente de vários lugares e que você não conhece muito bem, então, você já não conhece mais ninguém do bairro. Elas frequentam os mesmas padarias, mesmos supermercados junto com você. E a questão da violência aumentou muito, a molecadinha falta na escola para ficar na rua brigando, para ficar usando droga... essas coisas e aumentou demais isso. Ah, o policiamento aqui é zero.” (Selma, 23 anos)

Esta postura advém principalmente daqueles que têm as suas habitações localizadas nas melhores partes da região, mas não somente, há muitos casos dos próprios moradores dos prédios que como meio de distanciar e diferenciar procuram demarcar uma fronteira entre o que eles são e buscam ser e o que o restante da

¹¹ Ver imagens no anexo.

população do Cecap III e IV é, criando desta maneira uma postura de valorização da desigualdade e o incentivo ao preconceito.

O outro passa a ser visto como quem não quer trabalhar e que vive às custas do Estado e de migalhas, quando não entra para o mundo do crime. É como se estes moradores dissessem, sim, eu moro em um apartamento, mas não sou igual aos outros que estão aqui, este lugar não me pertence, pois ele já sabe qual é o estereótipo que carrega quem ali vive e não quer ser visto desta mesma maneira.

Interessante notar, que eles não tentam mudar o modo que em geral é visto as pessoas dos prédios pelos os outros, em suas falas sempre dizem, “aqui tem muita gente que não presta, mas também tem muitas pessoas boas (incluindo eu)”. Mas ao fazerem esta ressalva, na realidade, eles buscam se afastar do restante dos moradores e da visão geral, ao invés de tentar modificá-la.

Nas entrevistas, ao se falar sobre o bairro e sobre quem vive ali, inevitavelmente traz a questão da violência, são como dois assuntos quase que indissociáveis. Mesmo que o foco da conversa não fosse este, o tema apareceria em algum momento, por isso ao tentarmos refletir sobre a vida e contexto destes moradores na região do Cecap, não se pode deixar de lado que o mundo do crime de forma direta ou indireta faz-se presente no cotidiano.

“O negócio aqui está muito feio, nossa, a segurança está horrível. Muita gente tem medo de andar na rua. A gente que mora e cresceu aqui se acostuma com a situação. Para mim é normal, mas todo mundo que eu trago aqui para ir na casa da minha mãe ou em qualquer lugar já vem com receio. Meu namorado mesmo! Eu vim outro dia com a moto dele para cá: ‘Pelo amor de Deus, não vai largar a minha moto em qualquer lugar, passa o alarme, guarda’. Morre de medo de roubarem as coisas dele aqui. (...) A gente se acostuma até com coisa ruim.” (Juliana, 24 anos)

Perspectiva Política dos Moradores do Cecap – Resultados Preliminares

A sentimento de que a vida mudou bastante nos últimos anos é quase que unânime entre os moradores entrevistados da região, até mesmo aqueles que consideravam que os seus pais sempre tiveram uma condição de vida estável, asseguram que estão bem melhores hoje do que no passado. Hoje em dia, de acordo com eles, consegue-se comprar mais, não somente alimentos básicos, mas também bens de

consumo (incluindo os supérfluos), o que muitos pensavam que seria impossível um dia conquistar.

Mas de onde advém esta mudança? Se as condições estão melhores nos últimos anos, isso, de acordo com eles, se deve a um triunfo deles próprios, conseguido por meio do trabalho e dos estudos. Qualquer pessoa consegue o que precisa se correr atrás e se abraçar as chances que aparecem, neste instante, ocorrem muitas vezes as comparações: “Eu estou bem, pois trabalhei, mas tem muita gente que não quer saber de nada”

Interessante notar que não há a associação de que a vida está melhor por conta das políticas feitas pelos governos nos últimos anos, mas sim porque a pessoa se dispôs a enfrentar os obstáculos e “tentar a vida”. Quando questionei Selma sobre o motivo dela ter conseguido fazer faculdade somente agora e não há uns anos atrás, ela me disse que a sua situação financeira estava melhor, que estava ganhando mais e que podia pagar o curso, ou seja, a questão é conectada com as condições materiais/pessoais e não com o contexto social e político.

Mesmo tendo em vista as mudanças financeiras, isso não significa dizer que eles estejam satisfeitos com a atual conjuntura, principalmente no que diz respeito às periferias. As críticas em relação à situação econômica das pessoas e à desigualdade são uma constante em suas falas, isso indica que eles sentem as mudanças, mas ainda não estão contentes e querem mais.

Diferentemente do que se podia esperar, os moradores do Cecap, de modo geral, independentemente se residiam nas casas ou nos prédios, tinham um projeto de estar no mundo bem semelhante. Apesar da existência de divergências em vários pontos, tanto os moradores do Cecap I e II, quanto do Cecap III e IV, projetam o seu interesse para as classes médias, que vivem no centro da cidade. Eles vivem na periferia da cidade, porém as suas ambições não estão conectadas ao aqui e agora, e, portanto, a projeção que fazem para as suas vidas é sempre visando melhorias.

O modo como percebem a sua situação social está conectado às suas decisões políticas e eleitorais. Como apontado, na eleição de 2010, a então candidata à presidência pelo PT não obteve a melhor posição na região do Cecap, apesar disso, Lula

e Dilma eram constantemente citados e lembrados durante as entrevistas. Com exceção do PT, dificilmente, os moradores que entrevistei conseguiam identificar tão rapidamente um político de algum outro partido. Neste sentido, era nítido como estas duas figuras são populares entre estes moradores, apesar de alguns ainda confundirem o nome de Dilma, não havia uma pessoa que dissesse não saber quem era Lula.

Portanto, se *a priori*, como notamos anteriormente, pode-se argumentar que o lulismo não teve influência decisiva no processo eleitoral, após o início do trabalho de campo, nota-se o contrário, que na realidade muitos dos moradores demonstram certa preferência por Lula e Dilma e acabam muitas vezes por depositar o seu voto nestes candidatos. Isso significa dizer que o lulismo se faz sim presente entre os habitantes desta periferia e que há um certo laço que os liga, embora não se possa dizer que seja algo forte e duradouro.

Apesar do resultado final da eleição não ter sido favorável à candidata do PT, por meio de um olhar mais apurado pode-se perceber que as inclinações ao lulismo estão presentes e ali existe algo interferindo no resultado (efeito) final. Como argumenta Henry Brady:

“(...) if the effect does not occur, then the cause might still occur because causes can happen without leading to a specific effect if other features of the situation are not propitious for the effect.” (BRADY, 2008: 232)

Ainda, outro ponto que ajuda a salientar a grande adesão desta camada mais desfavorecida ao Lula e ao seu projeto político, além do trabalho de campo que está sendo realizado, é o resultado eleitoral por urnas na eleição de 2010 de outras regiões da cidade.¹²

Quando analisamos os votos tendo como base o local de votação, pode-se notar uma grande discrepância entre as porcentagens recebidas por cada candidato. Esta diferença é bem acentuada principalmente quando se toma como base locais de votação que estão situados no centro da cidade. Vejamos:

Tabela 2

¹² O levantamento foi feito com base no resultado das votações por seção. Os dados foram disponibilizados pelo Cartório Eleitoral - 407ª Zona Eleitoral de Taubaté – SP.

Resultado da eleição presidencial dos candidatos mais votados de 2010 em cinco locais de votação no centro de Taubaté-SP.

	Dilma (PT)	José Serra (PSDB)	Marina (PV)
Senai	22%	41%	29%
Ezequiel	23%	45%	23%
Comunicação Social	20%	43%	31%
Balbi	22%	47%	24%
Urbano	23%	44%	26%

Pode-se notar que o PT se mantém na escala dos 20% em locais de votação que estão no centro da cidade, já o PSDB possui uma força bem maior e vence com facilidade, ganhando sempre com mais que 40% dos votos. Sendo assim, enquanto a diferença percentual entre Dilma e Serra no centro da cidade é bem larga, cerca de 20 pontos, na periferia do Cecap este número cai drasticamente se observarmos a tabela 1.

Apesar do PSDB continuar sendo o vitorioso no Cecap, a sua vantagem é bem menor ali, já que a votação do PT ganha força, portanto não se pode negar que o lulismo realmente não esteja presente naquela região, apesar de aparentemente latente.

É possível verificar que a maioria das pessoas acredita que Lula defende (o que prossegue com Dilma) os interesses sociais dos mais pobres, uma vez que as suas políticas são voltadas, em suas concepções, para aqueles que têm maior carência financeira. Deste modo, os entrevistados sente-se representados pelas ações governamentais de distribuição de renda proferidas pelo governo Lula durante os seus mandatos.

E o que explica a vitória do PSDB no bairro? Esta é ainda uma questão que precisa ser aprofundada, todavia, pode-se destacar, que ao mesmo tempo que alguns atributos pessoais relevantes deste candidato são também lembrados (como ele já ter passado pelo o que eles passam, de conhecer a realidade da miséria, de ter vindo do nordeste)¹³, o eleitor, igualmente considera outras características, só que desta vez em teor negativo, como falta de honestidade e credibilidade.

¹³ Atributos que estão vinculados à agenda política voltada para os mais pobres.

Porém se o PT é o partido mais conhecido, os indícios de corrupção sobre o partido também acabam tendo maior impacto na percepção destes eleitores. É verdade que há uma generalização entre os entrevistados de que a política está cheia de roubalheira e que não existe político honesto, mas como a figura de Lula é a mais popular, a sua associação com a corrupção acaba sendo mais forte e sua figura fica mais manchada.

Lula passa ser visto então como uma figura ambígua, se ele é o único político que intercede pelos mais pobres, também é visto como um político que está no meio das falcatruas da política. Indica-se que, essencialmente entre este divisor de águas, se estabelece a visão dos moradores da região do Cecap. Apesar de aprovarem as políticas do governo Lula e de alguns terem sido até beneficiados por elas, alguns deles optaram por votar no PSDB.

As entrevistas tendem a sugerir, até o momento, que estas pessoas que possuem preferência pelos candidatos opositoristas o fazem devido ao escândalo de corrupção, principalmente o mensalão, pelo qual o PT estaria ligado. As pessoas com que conversei se mostraram decepcionadas com a atuação de Lula, o que teria feito elas perderem a confiança neste político.

Neste sentido, é possível perceber que o voto vencedor na periferia do Cecap tende a se aproximar com os das classes médias da cidade de Taubaté, que como ficou em certa medida demonstrado na tabela 2, têm uma maior unidade em torno do PSDB. De acordo com Singer, as classes médias tenderam a deslocar o seu voto para o PSDB por conta das denúncias de corrupção feitas pelo PT, do mesmo modo, parece que parte dos eleitores da região do Cecap seguem os mesmos pressupostos para deixar de depositar na urna o voto no PT.

A maioria do eleitorado, apesar de não ser altamente informada, utiliza uma série de dados disponíveis para decidir o seu voto, ele principalmente busca escolher em quem votar tomando como base o seu meio social e as suas condições. Por isso, pode-se afirmar, que o eleitor da periferia não age irracionalmente eleitoralmente, mas ele toma suas atitudes em concordância com a sua realidade e ao mesmo tempo que ele tende a perceber Lula e Dilma como políticos que são voltados para as necessidades do mais

pobres, eles também já estão tomando atitudes de acordo com a classe que eles pretendem alcançar.

Anexo



Figura 1- Residência do Cecap I (pouco modificada)



Figura 2-Residência do Cecap I (Reformada)



Figura 3- Bloco 45 localizado no Cecap III



Figura 4 – Visão dos prédios do Cecap III



Figura 4 - Quadra de futebol que fica do lado dos prédios do CDHU



Figura 6 - Quadra de futebol que fica próxima ao Cecap I e II

Bibliografia

ADIB, Irene V. de L. (2001). *Cecap III: uma construção coletiva para programas da terceira idade*. Trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, UNITAU, Taubaté.

ALBUQUERQUE, José A. Guilhon (1992). “Identidade, oposição e pragmatismo: uma teoria política do voto”, *Lua Nova*, n. 26, pp.53-79

BEACH, Derek e PEDERSEN, Rasmus Brun (2012). *Process-tracing Methods: Foundations and Guidelines*. University of Michigan Press.

BENNETT, A. (2004). “Case Study Methods: Design, Use, and Comparative Advantages”. In: SPRINZ, D. F. & WOLINSKY-NAHMIAS, Y. (eds.). *Models, Numbers, and Cases: Methods for Studying International Relations*. Ann Arbor: University of Michigan.

BRADY, E. Henry. (2008). “Causation and Explanation in Social Science”. In: BOX-STEFFENSMEIER, Janet M.; BRADY, Henry; COLLIER, David (eds). *The Oxford Handbook of Political Methodology*. Oxford: Oxford University Press, pp. 217-249.

BRITO, M. L. J. D. (2011). *O comportamento eleitoral no Brasil: Uma análise das principais pesquisas e do debate (1989- 2006)*. Trabalho de conclusão do curso de Ciências Sociais, UNIFESP, Guarulhos.

BUENO, Daniella G. (2006). *Opinião dos adolescentes sobre o programa Escola da Família: bairro Cecap – Taubaté*. Trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, UNITAU, Taubaté.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio (2000). *Cidade de muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34; Edusp.

COMPANHIA DE DESENVOLVIMENTO HABITACIONAL E URBANO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Disponível em:

<<http://www.cdhu.sp.gov.br/cdhu/index.asp>>. Acesso em: 17/03/2012.

COSTA, S. L (2005). *Taubaté, o Local e o Global na construção do desenvolvimento*. Taubaté, SP: Cabral Editora e Livraria Universitária.

FELTRAN, Gabriel (2011). *Fronteiras de Tensão: Política e Violência nas periferias de São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap.

FIGUEIREDO, Marcus (1991). *A decisão do voto: Democracia e racionalidade*. São Paulo: Editora Sumaré/Anpocs

FREIRE, André (2001). *Modelos do comportamento eleitoral: uma breve introdução crítica*. Oeiras: Celta.

FREITAS, Vânia B. (2002). *O adolescente do Cecap III: Possibilidades ou sonhos*. Trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, UNITAU, Taubaté.

GERRING, J (2004). “What Is a Case Study and What Is It Good for?”, *American Political Science Review*, Los Angeles, v. 98, n. 2, p. 341-354, Maio. Disponível em: http://web.rollins.edu/~ddavison/Spring08/Gerring_CaseStudies.pdf.

MARCONDES, Joelma N. (2003). *A construção da metodologia interventiva em serviço social: Um estudo exploratório da ação do serviço social no projeto Cecap III*. Trabalho de conclusão do curso de Serviço Social, UNITAU, Taubaté.

MELO, Salvador S. (1998). *Política habitacional e cidadania: a questão dos equipamentos e serviços sociais do entorno*, UNITAU, Taubaté.

RAGIN, Charles C (1987). *The comparative method: moving beyond qualitative and quantitative strategies*. Berkeley: University of California Press.

SEANWRIGHT, J e GERRING, J (2008). *Case selection techniques in case study research*. *Political Research Quarterly* 61(2):294-308

SINGER, André (2002). *Esquerda e direita no eleitorado brasileiro: a identificação ideológica nas disputas presidenciais de 1989 e 1994*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

_____ (2009). “Raízes sociais e ideológicas do lulismo”, *Novos Estudos Cebrap*, n.85, pp. 83-102.

_____ (2012). *Os sentidos do lulismo: reforma gradual e pacto conservador*. São Paulo; Companhia das Letras.

TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br>>. Acesso em: 14/08/2012.

VAN WYNSBERGHE, R. e KHAN, S (2007). “Redefining Case Study”. *International Journal of Qualitative Methods*, Edmonton, v. 6, n. 2, p. 80-94. Disponível em: <http://ejournals.library.ualberta.ca/index.php/IJQM/article/view/542/2495>.

YIN, R. K (2009). *Case Study Research: Design and Methods*. Thousand Oaks: Sage.